

O ENSINO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS: duas experiências de estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Raquel de Melo Giacomini¹

Daniela Eli²

Juliane Mendes Rosa La Banca³

Luiza Turnes⁴

RESUMO

Neste artigo, objetivamos apresentar algumas reflexões sobre duas experiências de estágio supervisionado nos anos iniciais relacionadas ao ensino de História. Elas aconteceram durante o curso de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina, em momentos e condições distintas. Assim, primeiramente, realizamos uma discussão em torno da nossa concepção acerca do ensino de História para crianças. No primeiro relato, a proposta de estágio teve o intuito de fazer com que as crianças entendessem como, por variadas formas, o passado está no presente. Para tanto, tendo o tema colonização como base, a atividade focou aspectos da pluralidade cultural de etnias presentes em Santa Catarina. O segundo relato tomou como prioridade trabalhar com as noções de temporalidade por meio de uma comparação entre Festas Juninas de épocas diferentes. Com essas experiências, compreendemos que o estágio é um momento privilegiado para graduandos conhecerem a dinâmica do cotidiano escolar. Além disso, essas propostas mostram o papel fundamental do ensino de História para que as crianças sejam introduzidas em um gradual processo de compreender o mundo no qual estão inseridas.

Palavras-chave: Ensino de História. Pluralidade cultural. Festas juninas.

É experiência aquilo que 'nos passa', ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.

Jorge Larrosa Bondia⁵

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestranda do PPGE/UFSC. E-mail: Email: rm_giaco@hotmail.com.

² Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina UFSC). E-mail: daniela_eli@hotmail.com

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: ju_shadow2@hotmail.com.

⁴ Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: luh_turnes@hotmail.com.

⁵ Epígrafe extraída de Bondia (2002, p. 25-26).

1 INTRODUÇÃO

Tomando como ponto de partida a epígrafe de Jorge Larrosa Bondía, neste artigo apresentamos alguns aspectos da experiência do estágio nos anos iniciais do Ensino Fundamental relacionadas ao ensino de História. Tal experiência se deu durante a disciplina Estágio Supervisionado de Práticas de Ensino da Escola do Ensino Fundamental: Séries Iniciais, na 6ª fase do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e marca a conclusão de um importante período do processo de nossa formação docente.

Nessa disciplina, vivenciamos as etapas primordiais da ação docente, quais sejam: observação, planejamento, docência e replanejamento. Além disso, considerando ter sido essa uma fase de nossa formação inicial como docentes, a aproximação com a escola foi fundamental no sentido de experimentar o cotidiano escolar. Nessa direção, compreendemos que

as escolas constituem um local privilegiado de formação, em que os alunos da pedagogia e das licenciaturas têm a possibilidade de conhecer o cotidiano escolar, conviver com alunos e professores e dar, assim, significado aos saberes pedagógicos que compõem a sua formação (LAFFIN, 2006, p. 13).

Assim, no período de estágio, tivemos a possibilidade de retomar aspectos centrais de nossa formação, recorrendo a autores, revisando conceitos, definindo concepções e refletindo sobre a ação pedagógica.

O estágio supervisionado foi realizado em duplas, as quais intervieram em duas escolas, em momentos e condições diferentes. Juliane Mendes Rosa La Banca e Raquel de Melo Giacomini atuaram no segundo semestre de 2009, sob a orientação da professora Ilana Latterman, na Escola Municipal João Francisco Garcez, no bairro Canto da Lagoa, em Florianópolis (SC), em uma turma de 4ª série composta por vinte e cinco alunos. Daniela Eli e Luiza Turnes atuaram no primeiro semestre de 2011, sob a orientação da professora Maria Raquel Barreto Pinto, na Associação Pedagógica Praia do Riso (APPR), localizada em Coqueiros, também em Florianópolis, em uma turma do 4º ano constituída por dezesseis crianças.

Juliane e Raquel tiveram três dias, durante três semanas, para observar o cotidiano da turma. Daniela e Luiza realizaram cinco observações durante duas semanas. Essa etapa foi importante para nos aproximarmos das crianças, apreendermos sua dinâmica, seus conhecimentos, suas dificuldades e seus interesses. Observamos também a ação docente da professora da turma, percebendo sua forma de estruturar as aulas, se relacionar com as crianças e trabalhar com os conhecimentos. Assim, registramos os aspectos que consideramos ser importantes para construir nossos planejamentos de aula. Quanto à prática docente, Juliane e Raquel tiveram a metade de quatro manhãs, e Daniela e Luiza duas tardes para realizar as propostas relacionadas à disciplina de História.

Apesar dessas especificidades quanto ao campo de estágio, tivemos em comum, na 5ª fase, a disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, ministrada pela professora Claricia Otto. Essa disciplina teve como objetivo geral desenvolver e aprofundar aspectos relativos aos fundamentos teórico-metodológicos do processo de ensino e aprendizagem da História nos anos iniciais do Ensino Fundamental e nos deu subsídios para construir nossas propostas para trabalhar com a disciplina.

A partir das leituras e discussões realizadas ao longo da disciplina de Fundamentos e Metodologia do Ensino de História, compreendemos que ensinar História é também ensinar o seu método. Agindo dessa forma, os conteúdos pré-estabelecidos se tornam um meio na aprendizagem e não um fim em si mesmos, pois a prática docente muda o foco *do que* para o *como* ensinar. Corroborando essa concepção, Cainelli e Tuma (2009, p. 212) afirmam que

o trabalho do professor deve ancorar-se nos passos realizados pelo historiador para escrever sobre o passado. É preciso construir juntamente com a criança os meios para que ela entenda os procedimentos da construção historiográfica e como o historiador analisa os vestígios nos documentos para escrever a história. Nesse sentido, [deve-se] enfatizar o trabalho do historiador como método norteador das atividades na aula de história.

Dessa maneira, percebemos que ensinar História nessa perspectiva não se restringe a decorar datas históricas, estudar acontecimentos do passado, exaltar biografias de 'grandes personagens', tomar como fonte apenas os documentos oficiais escritos, enfim, possuir a suposta verdade incontestável de determinado fato da História. Ao contrário, o processo de ensino e aprendizagem que propicie o entendimento da realidade em uma perspectiva histórica significará um conjunto de medidas que possibilite ao aluno compreender as relações entre o presente e o passado, a provisoriedade dos conhecimentos, as múltiplas interpretações para o mesmo fato, a importância da problematização e manuseio das fontes, que são vestígios dos sujeitos de uma determinada época. No entanto, é preciso ressaltar também que

não se trata de fazer das crianças pequenos historiadores, mas de introduzir uma metodologia de trabalho que permita desencadear um processo em que elas vão aprendendo a construir o conhecimento, a pesquisar, a formular perguntas e não se limitarem tão-somente a responder as perguntas feitas pelo professor, nos moldes da memorização de viés tradicional, cujos objetivos principais consistiam na realização de avaliações nas quais o aluno deveria falar ou colocar no papel aquilo que havia decorado. (OTTO, 2009, p. 174).

Compreendemos que, nos anos iniciais, o ensino de História não se resume a transmitir conteúdos, mas implica iniciar o processo de estimular as crianças a desenvolver o pensamento histórico. Nesse sentido, a mediação do professor é primordial para fazer com que os alunos entendam que a História não está pronta, ela ainda está sendo escrita e será constantemente reescrita na medida em que diferentes sujeitos pesquisam e investigam a partir de diferentes fontes, documentos e memórias. Nessa direção, Menezes e Silva (2007, p. 221) asseveram que

é preciso mostrar ao aluno que o presente não existe por si só e sim como resultado de idéias que se somam, de valores que se multiplicam, de culturas que se entrelaçam, de ideologias que se confrontam ao longo de um processo que se faz por relações interpessoais, quer na sucessividade, quer na concomitância de ações.

Outro aspecto relevante nesse nível do ensino é o desenvolvimento das noções temporais, pois elas não são dadas *a priori*. Alfabetizar o

olhar da criança, fazendo-a perceber as mudanças e permanências, as semelhanças e diferenças, as rupturas e as continuidades, enfim, os modos pelos quais o passado está no presente, são noções importantes que precisam ser construídas desde os primeiros anos de escolarização.

Considerando o que foi dito, compreendemos que o ensino de História nos anos iniciais do Ensino Fundamental possui um papel essencial para que os alunos entendam o mundo no qual vivem. Dessa maneira, as propostas que apresentamos demonstram duas possibilidades de ensinar História para as crianças, tendo como aporte teórico essa forma de pensar seu ensino. O primeiro relato refere-se à experiência de Juliane e Raquel e o segundo à experiência de Daniela e Luiza.

2 CONHECENDO A PLURALIDADE CULTURAL DE SANTA CATARINA

Durante nossa observação, foi idealizado pela coordenadora da escola e pela professora da turma um projeto chamado *Viagem Virtual*. Esse projeto tinha como um de seus recursos didáticos sete DVDs, cada um deles tratando de uma das regiões de Santa Catarina. Assim, as crianças viajarão, virtualmente, pelas regiões catarinenses, aprendendo sobre diversos assuntos das cidades do Estado e de seus sujeitos. Em nosso planejamento, tivemos de nos inserir nesse projeto; entretanto, antes de iniciar as visualizações dos DVDs, era necessário contar um pouco da História da formação do Estado catarinense. Foi então que a professora da turma designou o tema *Colonização em Santa Catarina* para trabalharmos com as crianças.

A partir dessa definição, começamos a pensar em como iríamos trabalhar com tema tão complexo. Então, primeiramente, pesquisamos o conceito de colonização. Desse modo, corroboramos a seguinte concepção de Pereira (2003, p. 156):

talvez possamos entender que 'colonização' seja um processo de ocupação, organizada e comandada por forças públicas exógenas, de regiões distantes, sobre as quais contingentes humanos sejam localizados em caráter definitivo. Um processo de colonização gera, também, o povoamento de regiões ecúmenes. O mais forte de tudo, porém, é que um processo de

colonização produz o aporte de uma nova cultura sobre a região receptiva, que, ao se encontrar com outros grupos preexistentes, estabelece, geralmente, uma aculturação atritosa, prevalecendo aquela peculiar ao grupo majoritário e acobertado pela tutela do Governo Colonizador.

Com a leitura do fragmento citado, surgiram alguns questionamentos: como ensinar essa parte da nossa história para as crianças? De que forma trabalharíamos o assunto fugindo de uma perspectiva histórica tradicional? Em outras palavras, como construir uma proposta de atividade que não mostrasse somente as datas de chegada dos imigrantes e a 'grande civilização europeia' que viera colonizar Santa Catarina?

Mobilizadas por estas questões, realizamos algumas pesquisas e estudos sobre os imigrantes que colonizaram Santa Catarina. Além de Pereira (2003), lemos também Klug (1994), Seyferth (1990), Otto (2006), Carvalho (2002), Brancher e Arend (2001), Sachet e Sachet (1997) e Mamigonian (2006). Esses autores assinalam que uma heterogeneidade de etnias contribuiu, em diversificados aspectos, para a colonização de Santa Catarina. As etnias apontadas por esses autores são: açorianos, italianos, alemães, poloneses, japoneses, ucranianos, sírios, libaneses, gregos, africanos e austríacos. Além dessas leituras, procuramos informações sobre os indígenas, sujeitos que já habitavam o Estado quando os imigrantes chegaram. Escolhemos como base a leitura de Nötzold e Souza (2000) para compreender as relações entre os colonos e indígenas. Outro suporte foi o livro didático de História regional *Santa Catarina de todas as gentes*, das autoras Neide Fiori e Ivone Regina Lunardon. Esse material também possui conteúdos sobre o tema da colonização e da imigração, além de destacar as diferentes etnias que imigraram para Santa Catarina.

Lendo esses autores, percebemos quão diversos foram os sujeitos que compuseram o estado de Santa Catarina. Sendo assim, nossa proposta para o ensino de História girou em torno das manifestações culturais dessas etnias, que formaram o que Pereira (2003) chamou de 'mosaico cultural catarinense'. Com isso, nosso intuito era trabalhar o assunto 'colonização' não como um fato parado no tempo, deixado no

passado, mas como um processo histórico no presente. Isto é, nosso objetivo era fazer com que os alunos entendessem como esse passado ainda está no presente por meio de uma pluralidade de manifestações culturais. Tínhamos ainda o propósito de fazer com que eles se compreendessem como sujeitos históricos, pois de uma forma ou outra contribuíam para a manutenção e ressignificação dessas práticas culturais.

A Docência

Em um primeiro momento, conversamos com os alunos com os quais iríamos trabalhar o tema colonização. Perguntamos se alguns deles já tinham aprendido ou ouvido falar sobre esse assunto, e suas respostas estavam muito ligadas a propagandas de televisão que estavam sendo transmitidas naquele momento, mês de outubro, produzidas pelo Governo do Estado, relacionadas às festas típicas de variadas etnias que aconteceriam nesse mês em diversos municípios do Estado catarinense.

Assim, problematizamos e conceituamos o termo colonização por meio de uma conversa, tendo como aporte teórico a concepção de Pereira (2003). Falamos sobre os indígenas, que já habitavam o Estado (tema esse trabalhado com a professora titular), e sobre a diversidade de pessoas oriundas de vários países que constituíram a população catarinense (Quadro 1).

Quadro 1 – Imigrantes em Santa Catarina

	Nacionalidade	Ano de chegada (aproximadamente)
1-	Açorianos	1748
2-	Africanos	Chegada um pouco depois dos açorianos
3-	Alemães	1850
4-	Poloneses	1870
5-	Sírio-libaneses	1871
6-	Italianos	1875
7-	Gregos	1883
8-	Ucranianos	1891
9-	Japoneses	1909
10-	Austríacos	1933

Fontes: Pereira (2003), Klug (1994), Seyferth (1990), Otto (2006), Carvalho (2002), Fiori e Lunardon (2008), Brancher e Arend (2001), Sachet e Sachet (1997), Mamigonian (2006)

Depois disso, apresentamos nossa proposta de atividade. Dividimos as crianças em cinco trios e cinco duplas (que chamaremos de grupos); cada grupo ficou responsável por procurar características de uma dessas dez etnias. A pesquisa seria feita em casa e discutida nos grupos, na aula seguinte. Essa atividade se justifica, pois entendemos que um dos pressupostos metodológicos da História é a busca de informação, a pesquisa. Assim, explicamos para as crianças que elas deveriam procurar as informações sobre esses sujeitos em revistas, jornais, internet, imagens antigas e atuais, objetos, etc., uma vez que esses dados são vestígios das culturas às quais pertencem esses sujeitos e é por meio dos vestígios que podemos conhecer a História. Considerando a faixa etária das crianças, essa etapa poderia parecer muito complexa, mas

tornar os alunos 'pesquisadores' não é tarefa difícil, tendo em vista que eles são, por si só, curiosos e questionadores; assim, o professor precisa assumir como norte que 'o ensino passa a ser o lugar da animação e a pesquisa, o lugar da aprendizagem, sustentado em estruturas dialógicas'. A tarefa do professor será, portanto, a de despertar os aprendizes para a necessidade das buscas e das descobertas (MENEZES; SILVA, 2007, p. 222).

Com isso em mente, para mediar a pesquisa, indicamos algumas questões norteadoras, tais como: de onde essas pessoas vieram? Como vieram para Santa Catarina? Quando chegaram ao nosso Estado? Por que vieram? Como viviam? Vocês possuem alguma imagem ou objeto dessa etnia (se sim, podem trazer para a escola)? Vocês percebem na atualidade aspectos culturais desses povos? Quais são suas festas? Suas danças? Suas comidas típicas? Seus trajes típicos?

Com a pesquisa realizada em casa, os elementos trazidos foram discutidos pelas crianças que pertenciam ao mesmo grupo. Compreendemos que essa etapa é muito importante para que elas entendam que pode haver várias interpretações para o mesmo assunto. Igualmente, as diferentes informações que as crianças encontraram construíram a interpretação delas próprias sobre a etnia pesquisada e sobre sua contribuição no processo de colonização do Estado

catarinense. Isso mostra que esse episódio da História pode ser interpretado pelo cruzamento das fontes localizadas por elas, sendo assim, nós procuramos ensinar que a História está sendo (re)escrita pelos sujeitos que pesquisam sobre ela.

Foram muitos dados, imagens e alguns objetos trazidos para a escola (renda de bilro, por exemplo). Com isso, outra etapa da atividade foi a confecção, por cada grupo, de um cartaz para, em outro momento, ser socializado com o restante da turma. Algumas crianças não gostaram muito de ter que apresentar para os colegas, por causa de timidez ou vergonha, mas esclarecemos a importância da socialização do conhecimento, dado que seria por meio da explicação de cada um que o outro saberia sobre o conteúdo pesquisado. Além disso, explicamos que o conhecimento guardado não serve para nada, pois as outras pessoas não poderiam aprender com ele.

O momento de apresentação dos cartazes foi muito rico, pois conseguimos mediar a discussão com base na pesquisa dos grupos, proporcionando o desenvolvimento do pensamento histórico, pois entendemos que é papel da

História ensinar os/as alunos/as a situarem-se em seu tempo e a compreenderem as formas instituídas historicamente para representar, medir e dimensionar o tempo em nossa sociedade a fim de posicionarem-se e intervirem na realidade social (BERGAMASCHI, 2000, p. 41).

Dados estatísticos sobre cada etnia, o contato com os indígenas quando os imigrantes chegaram, o navio como meio de transporte para a viagem, a bandeira do país de origem, as roupas típicas, as formas de trabalho, a gastronomia, as festas religiosas, entre outros fatores, foram destacados pelas crianças.

Interessante ressaltar que os alunos não sabiam que em Santa Catarina existiam afrodescendentes e relataram também que sentiram dificuldade para encontrar informações sobre eles. Isso legitima o argumento de Mamigonian (2006), quando afirma que, para o senso comum, existiam apenas europeus em Santa Catarina no período de colonização, ocultando, assim, a presença de africanos e seus

descendentes, além de sua contribuição para a formação do cenário cultural do Estado.

Em outra situação, uma aluna trouxe uma foto de sua avó, quando tinha quinze anos, vestida com trajes típicos da cultura alemã. A senhora da imagem, possui descendência alemã e na ocasião da foto morava em Blumenau. Tivemos a oportunidade de fazer uma comparação com outra imagem, trazida por outra aluna do mesmo grupo. Essa segunda foto era de uma mulher vestida com uma roupa parecida, mas nos dias atuais, na Oktoberfest, festa que expressa os costumes das tradições germânicas atualmente. Assim, fizemos um exercício de verificar as semelhanças e diferenças entre as duas imagens, mediado, dentre outras, por estas questões: quando as fotografias foram tiradas? Qual o local em que as duas fotografias foram tiradas? Quais as mudanças que podem ser percebidas nas imagens, quanto ao cenário das festas? Quais são as diferenças presentes nas roupas em cada imagem? Quem retratou as pessoas? Para quê? Enfim, utilizamos as imagens como fontes históricas, ou seja, como imagens que pretenderam representar certa ocasião.

O trabalho com o grupo responsável pela etnia açoriana foi muito produtivo, pois, como a escola está inserida em um bairro que preserva aspectos dessa cultura, os alunos pontuaram que seus familiares e eles próprios são pessoas que preservam as tradições dessa cultura. Dessa maneira, foi possível discutir sobre tradições açorianas que permanecem sendo realizadas atualmente por eles e seus familiares. Foram destacados, entre outros, os seguintes fatores: renda de bilro, a prática pesqueira, Festa do Divino, Terno de Reis, Boi-de-mamão, engenhos de farinha de mandioca, gastronomia variada composta de frutos do mar. Entretanto, nossa mediação foi sempre com a intenção de mostrar tanto as mudanças quanto as permanências dessas práticas culturais.

As crianças gostaram muito de saber que os gregos se instalaram na cidade de Florianópolis, em 1883, por ser onde elas moram. Entre outros fatores da cultura grega, relataram que com a pesquisa descobriram existir em Florianópolis uma Igreja Ortodoxa Grega chamada São Nicolau. Trouxeram algumas fotos da igreja encontradas na internet.

Inclusive, demonstraram interesse em fazer uma visita para conhecer melhor a igreja e saber mais sobre essa religião.

Poderíamos apresentar ainda outros relatos, igualmente muito interessantes, relacionados às demais etnias, mas em virtude de ser este um texto curto, escolhemos apenas alguns.

O que ficou claro nessa experiência, tomando a fala dos alunos como referência, foi a questão da pluralidade cultural que constitui o Estado catarinense. De outro modo, por meio do acesso às fontes sobre aspectos da colonização de Santa Catarina, da pesquisa dos aspectos culturais trazidos pelos imigrantes, do trabalho com noções de temporalidade, pretendíamos que as crianças compreendessem as relações entre passado e presente e se entendessem como sujeitos históricos.

3 FESTAS JUNINAS ONTEM E HOJE: SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

No estágio, nossa proposta para o ensino de História esteve relacionada ao projeto da professora regente da turma, intitulado *A Minha, a sua, a nossa... A História de Um Povo*, que objetivava ampliar o conhecimento e a compreensão da formação da sociedade atual a partir da história de cada um dos alunos e de seus antepassados. Como na semana que estaríamos na docência aconteceria a Festa Junina da escola, pensamos que a temática dessa festividade poderia ser uma possibilidade para trabalhar com a disciplina de História, fortalecendo o projeto da professora.

Para tanto, recorreremos a algumas leituras para entender melhor qual a história e o significado dessa festa, tão praticada em escolas no mês de junho, sendo este também um momento de intenso diálogo com a comunidade em que está inserida. Campos (2007) apresenta, resumidamente, a trajetória histórica das festas juninas:

Os estudiosos situam as origens das comemorações juninas entre os povos arianos e os romanos, na Europa, na Idade Antiga, desde priscas eras. Naquela época, essas festas eram consideradas como parte dos rituais de celebração da passagem para o verão (inverno no Hemisfério Sul). A

população rural promovia as festas para afastar os espíritos maus que provocavam a esterilidade da terra, as pestes nos cereais e as estiagens. No decorrer da Idade Média, a festa foi cristianizada e a Igreja Católica deu-lhe como padroeiros os santos cujas datas agiográficas localizam-se na época da mudança de estação: Santo Antônio, São João e São Pedro. Os rituais ligados ao fogo (balões, fogueira, foguetes) também ganharam outra significação. De acordo com o que se acreditava, passaram a ter a finalidade de afugentar os demônios (Campos, 2007, p. 2).

Assim, para a região litorânea de Santa Catarina, as festas juninas foram trazidas pelos açorianos e nelas estavam imbricadas as práticas de religiosidade. Dessa maneira, “algumas manifestações que os açorianos continuam a praticar e que, em sua maioria, cá se repete [mostra-se] como resultado da transmissão cultural produzida pelo colonizador do Século XVIII” (PEREIRA, 2003, p. 163).

Sendo assim, as festas juninas são consideradas festividades populares ou folclóricas e geralmente possuem o calendário religioso como base. Por dedicarem-se, entre outros, a Santo Antônio (13/06), São João (24/06) e a São Pedro (29/06), o folclorista Nereu do Vale Pereira afirma que a expressão correta para designar as festas juninas deve ser ‘joaninas’. O autor explica:

Festejos São Joaninos (para nós, erradamente denominadas de juninas em referência ao mês de junho) onde são festejados e lembrados com fogueiras, danças, bailos, balões, sortilégios casamenteiros e outros, para Santo Antônio, São João Batista e São Pedro e São Paulo, sendo que em algumas localidades os festejos acontecem até 26 de Julho, dia de Sant’Ana e São Joaquim, pais de Virgem Maria (PEREIRA, 2003, p. 164).

Ao mesmo tempo, Pereira argumenta que os ‘festejos joaninos’ são realizados em homenagem às fogueiras de São João, as quais demonstram a anunciação de um novo sol, que é o Messias. Corroborando essa interpretação da ‘anunciação de Messias’, em um livreto intitulado *Festas Juninas*, o folclorista Franklin Cascaes (1978), expõe sua interpretação sobre a origem religiosa dessa festa popular:

A origem das festas juninas se pode buscar em uma das montanhas da Judéia, quando as Sagradas Escrituras nos contam sobre a visitação de Maria Santíssima a sua prima Santa Izabel; ocasião em que ambas estavam grávidas, sendo

que Izabel estava com a gravidez adiantada três meses da de sua prima Maria. Naqueles tempos, essas aproximações de amizade eram difíceis devido a falta de condução e a longa distância que moravam uma da outra. Ao se despedirem, Izabel prometeu a Maria que, no dia em que seu filho nascesse ela mandaria acender uma grande fogueira para que toda a Judéia soubesse do ocorrido. Pressume-se [sic] que desta história tenham nascido as festas juninas, hoje comemoradas em quase toda Terra (CASCAES, 1978, p. 1-2).

Fora isso, nesse livreto, Cascaes aponta algumas comidas típicas, as danças, decoração, local de realização, etc. dessa festividade. Outro autor pesquisado, estudioso da cultura açoriana, foi Doralécio Soares. Em seu livro *Folclore Catarinense* (2002), explicita algumas danças tradicionais desses festejos, como: dança do pau-de-fita, quadrilha e boi-de-mamão.

Considerando essas leituras, percebemos o quanto as Festas Juninas realizadas em escolas atualmente estão longe de seu significado religioso, deixando evidentes as adaptações feitas ao longo do tempo. Esse fato demonstra que a cultura é dinâmica; sofre mudanças de acordo com o contexto no qual está inserida. Com isso, criamos uma proposta de atividade chamada *Festas Juninas ontem e hoje: suas principais características*. Essa atividade possibilitaria aos alunos, por meio de entrevistas, ilustrações e imagens compreender as alterações ocorridas nessa festa em determinadas épocas.

A Docência

Quando iniciamos nosso estágio docente, todos da escola estavam entusiasmados com a chegada da tão esperada Festa Junina. Isso possibilitou que iniciássemos nossa conversa com a turma sobre esse assunto com a seguinte pergunta: será que a Festa Junina que vocês conhecem foi sempre assim? A partir dessa questão, propusemos uma atividade, com o intuito de discuti-la. Explicamos aos alunos que eles teriam de realizar entrevistas com a pessoa mais velha de sua família, e com eles mesmos, a fim de verificar quais são as características iguais e diferentes das festas juninas em épocas distintas. Eles também deveriam procurar imagens de seus familiares mais velhos em festas juninas e

trazer para a escola. Pedimos ainda que fizessem desenhos, tendo esse tema como base, caso não tivessem a imagem.

Esclarecemos aos alunos que, em outro momento, com esse material reunido, construiríamos um painel, com o fito de perceber como eram as Festas Juninas de antigamente e as atuais. Isso possibilitaria a realização de uma comparação do *antes* e com o *agora*, isto é, das festas frequentadas por seus familiares quando eram crianças e por eles próprios. Destacamos que,

com alunos das séries iniciais, por exemplo, atividades de observação de dois objetos iguais, de épocas diferentes, podem ser úteis para desenvolver essas noções. Outras atividades, como trabalho com imagens (fotos e gravuras de época), ordenação de fatos da vida cotidiana e narração de histórias contadas por alguém, também podem ajudar esses alunos a se situarem em tempos mais distantes daquele de sua experiência pessoal e a localizarem os fatos históricos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 78).

Desse modo, tínhamos, com essa atividade, o objetivo de trabalhar com as crianças as noções de temporalidade. Cabe explicar que o 'antigamente' ao qual nos referimos é relativo a cada pessoa entrevistada pelas crianças, pois algumas entrevistaram avós, outras, os pais, tios ou primos mais velhos. Portanto, não foi possível delimitar a data das investigações realizadas pelas crianças.

Entendemos que opção por trabalhar com fontes orais com crianças é muito importante, pois começamos a introduzir um entendimento de que toda e qualquer memória é válida, opondo-nos, assim, a uma visão de história na qual somente a história de vida de determinados sujeitos é importante. Ao utilizar esta metodologia nessa proposta, estamos também articulando a história individual do aluno com a de outros sujeitos que compõem comunidades mais amplas e diversas. Nesse sentido,

um ponto importante no ensino da História concerne à articulação da história individual do aluno com a história coletiva de grupos, classes e sociedades. Como todos os homens são determinados pela história vivida, todos são sujeitos da própria história; isso equivale a entender que a história é feita por todos (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 125).

Além disso, proporcionar uma atividade por meio de entrevistas fez com que as crianças pudessem se sentir entrevistadores, encontrando-se em uma posição de investigador com responsabilidades. Entendemos que essa busca por informação é um dos passos primordiais para construir uma dentre as inúmeras interpretações sobre determinado episódio da História.

Para o desenvolvimento das entrevistas, construímos junto com as crianças um roteiro com dez perguntas: (1) Nome do entrevistado; (2) Data de Nascimento/Idade; (3) Parentesco; (4) Como eram os trajes que você utilizava na festa junina quando criança?; (5) Como eram as danças, as comidas e as brincadeiras?; (6) O que se comemora na festa junina?; (7) Você gostava das festas juninas? Por quê?; (8) Tinha fogueira?; (9) Qual o local onde eram realizadas as festas juninas de que você participou; (10) O que mudou na festa junina de hoje para aquela de quando você era criança?

No momento da construção do roteiro, surgiram alguns questionamentos em torno da razão para entrevistar a si mesmos. Schmidt e Cainelli (2004, p. 125) afirmam que “um dos objetivos do ensino da História consiste em fazer o aluno ver-se como partícipe do processo histórico”, e foi partindo desse pressuposto que mediamos a discussão. Foi necessário, então, trabalhar com a ideia de que cada um deles também constrói a História por meio de suas ações. Assim, o relato de suas opiniões e ações é tão importante quanto o de outra pessoa para o conhecimento das Festas Juninas, neste caso.

Quando estávamos confeccionando o painel, foi possível aprofundar alguns conceitos relacionados ao ensino de História. Com as fotos trazidas por eles, realizamos um exercício de verificação das semelhanças, diferenças, mudanças e permanências das representações nas imagens. Algumas questões nortearam a discussão, como por exemplo: quando aconteceu a festa junina presente nas imagens? Em quais locais? Em que as roupas se parecem ou diferem nas duas imagens? O que está acontecendo nas imagens?, etc. Isso foi muito interessante, pois as crianças conheceram aspectos, até então desconhecidos, da vida de seus familiares, como é o caso de uma menina

da turma que trouxe uma foto emprestada de sua avó, com a imagem de sua mãe, aos 12 anos, recebendo a coroa de princesa da Festa Junina. A garota relatou que não sabia de tal acontecimento e isso fez com que os alunos percebessem que, nas festas juninas frequentadas por eles, não aconteciam concursos de princesa, evidenciando uma das mudanças ocorridas nas festas atuais e percebida por eles.

Quanto às entrevistas, as crianças relataram que acharam muito interessante realizá-las. Disseram que, por meio das memórias de seus familiares mais velhos, puderam conhecer um pouco como eram as festas juninas. Além disso, entenderam o quão importante foi realizar as entrevistas com eles próprios, pois puderam comparar como as festas juninas que frequentam são diferentes das que seus entrevistados frequentaram quando crianças. Nossa mediação, nesse sentido, foi para mostrar que a Festa Junina de hoje é uma construção histórica realizada por sujeitos que participam dela. Assim, as crianças gostaram muito de saber e compreender que elas e seus familiares também fazem parte dessa construção, isto é, da História. Com isso, ao se engajarem na descoberta de ações da sua própria família, os próprios alunos foram os agentes investigadores da sua história, entendendo que estavam conhecendo aspectos do passado que ainda, de modo diverso, estão no presente.

Outro aspecto a ser destacado foi a questão de os alunos entenderem que há entre eles e os entrevistados um espaço de tempo e que, dentro desse período, muitas outras coisas aconteceram, como por exemplo, seu próprio nascimento ou o casamento de seus pais. Assim, as noções de mudança foram constantemente colocadas pelos alunos, e algumas de suas falas mostram isso: “no tempo da minha avó a festa junina era [...]” ou “minha mãe me contou que quando ela era criança, há uns 25 anos, a festa junina era [...]”.

Após esse momento de mediação, juntamente com a construção do painel, realizamos a exposição na escola, durante a Festa Junina da qual participamos. As crianças se mostravam muito entusiasmadas ao mostrar o painel para seus familiares e amigos da escola. Nesse momento, explicavam para eles como era o *antes* e o *agora* das festas

juninas, estabelecendo comparações entre as fotos e as entrevistas. Portanto, foi perceptível o interesse e a participação das crianças quanto a possibilidade de poderem comparar o antigo/desconhecido com suas próprias experiências.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nas duas semanas em que estivemos na docência, procuramos, de fato, agir como professoras, assumindo as responsabilidades, o compromisso com a aprendizagem e valorizando a instituição. Compreendemos o quão importante é a mediação do professor para a aprendizagem histórica das crianças, mas sempre colocando os alunos como sujeitos participantes da sua aprendizagem.

Destacamos que atuamos dentro das condições objetivas colocadas em cada campo de estágio, entre elas, tempo, espaço, materiais, orientações das instituições e orientadoras de estágio. Com isso, realizar essas atividades foi um grande desafio, pois o período que estivemos na escola foi curto. Vale ressaltar ainda que, considerando essas condições, alguns momentos poderiam ter sido mais aprofundados, entretanto, temos claro que, de modo geral, isso não prejudicou as propostas.

Ambos os estágios demonstraram, na prática, a ampla possibilidade de propostas envolvendo conceitos fundamentais a serem trabalhados no ensino de História, dentre eles fato, sujeito e tempo histórico, bem como de trabalhar com memória e fontes diversas. Dessa forma, a partir da nossa experiência de estágio, compreendemos que é possível ensinar História nos anos iniciais com base em uma prática pedagógica centrada no desenvolvimento das noções temporais e do desenvolvimento do pensamento histórico, tornando a criança um sujeito capaz de estabelecer relações entre os fatos, compreender historicamente o mundo em que vive e entender-se como sujeito integrante do processo histórico.

Por fim, gostaríamos de finalizar esse texto com um trecho de um artigo que nos inspira muito quando pensamos nosso papel de professoras:

O grande desafio que o professor precisa urgentemente se impor é o de preparar os alunos para a grande aventura do conhecimento, da lucidez e da indignação permanente, para que possam se tornar atores críticos do seu tempo. É trabalhar de forma a instigá-los a, como nos fala Cerri: '[...] ousar ler o mundo como um grande documento sobre o qual cumpre atuar'. Ensinar História nas series iniciais é, acima de tudo, escolher o que e como ensinar. É tornar a sala de aula um lugar privilegiado de investigação, de reflexão e de produção de conhecimentos (MENEZES; SILVA, 2007, p. 226).

REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, M. A. Tempo e Memória: O que se ensina na escola? In: LENSKIJ, T.; HELFER, N. E. (Org.). **A memória e o ensino de História**. Santa Cruz do Sul / São Leopoldo: Edunisc / Anpreh, 2000.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>> Acesso em: 18 set. 2011

BRANCHER, A. L.; AREND, S. M. F. (Org.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

CAINELLI, M. R.; TUMA, M. M. História e memória na construção do pensamento histórico: uma investigação em educação histórica. **Revista HISTEDBR** (online), Campinas, n. 34, p. 211-222, jun. 2009. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/34/art14_34.pdf> Acesso em: 17 ago. 2011

CAMPOS, J. T. de. Festas Juninas nas escolas: lições de preconceitos. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a15v2899.pdf>> Acesso em: 5 maio 2011

CARVALHO, L. E. F. **Do balcão à mesa: imigrantes e descendentes de sírios e libaneses na construção de uma identidade na Grande Florianópolis (1910-1950)**. 2002. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

CASCAES, F. **Festas juninas**. Florianópolis: Museu de Antropologia da UFSC, 1978.

- SOARES, D. **Folclore catarinense**. Florianópolis: EDUFSC, 2002.
- FIORI, N. A.; LUNARDON, I. R. **Santa Catarina de todas as gentes**. História 4º ou 5º ano. 2. ed. Curitiba: Base Editora, 2008.
- KLUG, J. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina**: a comunidade alemã de Desterro-Florianópolis. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.
- LAFFIN, M. H. L. F. Processos de formação e do exercício da docência: momentos e movimentos. In: LAFFIN, M. H. L. F.; SILVA, V. B. M. da. (Org.). **Conversas da Escola**. Florianópolis: Grupo SAPECA/NUP/CED/UFSC, 2006.
- MAMIGONIAN, B. G. Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750-1850). Jun. 2006. Disponível em: http://ufsc.academia.edu/BeatrizMamigonian/Papers/204698/Africanos_E_m_Santa_Catarina_Escravidao_E_Identidade_etnica_1750-1850 > Acesso em: 17 ago. 2009
- MENEZES, L. M. de; SILVA, M. F. de S. Ensinando História nas séries iniciais: alfabetizando o olhar. In: MONTEIRO, A. M.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. de S. (Org.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ, 2007.
- NÖTZOLD, A. L. V.; SOUZA, A. M. de. Encontros e Desencontros: colonos e indígenas no povoamento de Santa Catarina. **Revista Ágora**, Arquivo Público de Santa Catarina, Florianópolis, n. 29, p. 17-25, 2000.
- OTTO, C. **Catolicidades e italianidades**: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930). Florianópolis: Insular, 2006.
- _____. O ensino de história nos primeiros anos de escolarização: produzir e mediar conhecimentos. In: CARVALHO, D. C. de; LATERMAN, I.; GUIMARÃES, L. B.; BORTOLOTTI, N. (Org.). **Relações interinstitucionais na formação de professores**. Florianópolis: Junqueira e Marin, 2009.
- PEREIRA, N. do V. **Contributo açoriano para a construção do Mosaico Cultural Catarinense**: coletânea de trabalhos do autor versando a presença do português açoriano na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Papa-livro, 2003.
- SACHET, C.; SACHET, S. **Santa Catarina**: 100 anos de história, v. 1. Florianópolis: Século Catarinense, 1997.
- SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.
- SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Ed. UnB, 1990.

Recebido em 26/09/2011
Aprovado em 16/11/2011